

O MEU HOMICÍDIO

E SE A MORTE QUE TIVÉSSEMOS
DE INVESTIGAR FOSSE A NOSSA?



«HÁBIL, ORIGINAL E IMPREVISÍVEL. KATIE WILLIAMS
INVOKA E SUBVERTE ATREVIDAMENTE A TRAMA
CONVENCIONAL DO ASSASSINO-EM-SÉRIE-
-A-PERSEGUIR-MULHERES-ATERRORIZADAS.»

THE WASHINGTON POST

TOP
SEL
LER

KATIE WILLIAMS

Para Fia e Frank,
Se pudesse, clonava-vos

1

Deveria estar a vestir-me para a festa, a primeira desde o meu homicídio. Em vez disso, andava às voltas com o ralo do chuveiro, que estava a escoar muito devagar, deixando o interior da banheira coberto de sabonete e salpicado de sujidade. Com isso, não estava vestida, nem um sapato, um brinco, umas cuecas. Para dizer a verdade, estava nua e de cócoras na banheira, a enfiar uma cruzeta de arame desdobrada pelo cano, tentando capturar uma bola de cabelo de outra mulher.

A cruzeta raspou a lateral do cano, voltou a raspá-la, mas depois (apanhei-te!) afundou-se em terreno mole.

— Vesti as calças! — disse o Silas do outro lado da porta.

Ao ouvir a voz dele, a cruzeta rodopiou-me nos dedos e a extremidade veio à superfície com uma pequena bola de gosma. Disse um palavrão.

— Agora as meias! — anunciou.

Enfie novamente a cruzeta no ralo. Seria disparatado compadecer-me da banheira, que retia toda aquela água, que via toda aquela água escoar por si? De certeza que, depois de todos os banhos que aconteceram no seu interior, a pobre coitada esperara ser deixada limpa.

— Estou a dar o nó na gravata — informou o Silas. — Demora um minuto. Dois.

O Silas era assim. Sempre fora assim. Quando estamos atrasados, anuncia em tempo real cada passo concluído da sua preparação

para sair. Nestes momentos, o meu marido transforma-se num cronómetro da higiene pessoal.

— Estou mesmo a sair do chuveiro! — respondi.

Não era verdade. Mas quase apanhara a bola de cabelos. Senti a sua minúscula resistência ao puxar a cruzeta para fora. Lá estava ela, uma bola de cabelos pretos a reluzir dentro da sua placenta de sabonete. Era do tamanho de um rato. Mexi nos cabelos com a ponta da cruzeta. Este cabelo era meu.

Este cabelo não era meu.

Este cabelo era dela.

Bateram à porta da casa de banho.

O Silas abriu-a antes de eu ter tempo de responder.

— Borracho? Está tudo bem aí?

Não era costume fazer isto, entrar assim de rompante, mas decidi esquecer isso, pelo menos por agora, pelo menos esta noite, porque sabia que ele se preocupava, que estava sempre preocupado. E era cuidadoso, tão cuidadoso, como se eu fosse um copo de água cheio até cima que ele tinha de levar de sala em sala à procura da pessoa que pedira algo para beber. Mas depois havia ocasiões em que a sua preocupação o deixava muito pouco cuidadoso, muito pelo contrário, como era o presente caso, com a porta.

O Silas inclinou-se mais para dentro da casa de banho. Demorou um minuto para me avistar na banheira com o meu amontoado de cabelos do ralo. Que outra coisa poderia ele dizer que não:

— Que nojo!

— Os cabelos não são meus — informei.

E não eram. Ao chegar a casa depois do hospital, fui à cabeleireira e pedira-lhe para me cortar o cabelo comprido pela nuca. Uma mulher a cortar radicalmente o cabelo para demonstrar o quanto a sua vida mudou. Um lugar-comum? Com certeza. Mas não fora por isso que o fizera. Fizera-o porque adorava a sensação do ar no pescoço.

— Também não são meus. — O Silas passou uma mão pela cabeça, mostrando-me os dentes.

Há muito, muito tempo, o Silas tinha o cabelo tão comprido que lhe dava pelos ombros, tão comprido que me caía em cima da cara durante o sexo. Agora usava-o curto, e, num certo ângulo, com certas condições de luz, conseguia-se ver o brilho da careca.

— São os cabelos *dela* — disse-lhe. — Da tua primeira mulher. Devia ser cá um animal! Tinha uma escova, ao menos?

O Silas brindou-me com um sorriso forçado. Eu sabia que ele não gostava das minhas piadas sobre a sua «primeira mulher», mas não me conseguia conter. Deixaria de o fazer assim que me conseguisse conter.

— Está certo — disse ele. — Bom trabalho. Mas achas que...

— Eu sei, eu sei, vou-me já vestir.

O Silas baixou a cabeça e desviou o olhar, e eu lembrei-me da minha nudez. Desde que a comissão me trouxera de volta, tinha tomado uma consciência do meu corpo como nunca acontecera até aí, nem mesmo em grávida. Agora, tinha consciência não da aparência do meu corpo, do que ele era capaz de fazer ou do que continha, mas do que *era*, da sua existência. Conseguia senti-lo mesmo agora, a carne dos meus lóbulos, o nó do umbigo, a espiral de cada impressão digital. Eu estava no meu corpo. Eu era o meu corpo. Estava viva. E sentia excitação e efervescência em todos os meus contornos, como se o meu ser tivesse sido despejado no meu invólucro até ao bordo. Levantei-me, sentindo as últimas gotas de água a saltarem de mim.

— É que o Travis é muito esquisito com as festas — estava o Silas a dizer. O Travis era o colega de trabalho dele, o que fazia anos, um número redondo. Trinta? Quarenta? Não me lembrava ao certo. — Está a contar que toda a gente chegue a horas, como se fosse para o trabalho.

— Bem — disse eu, como quem diz: *E não é?*

O Silas deu-me a mão para me ajudar a sair da banheira.

— Ouve — levantou a minha mão até ao nível da boca dele, como se lhe fosse beijar as costas —, podemos dizer que não vamos.

— Não podemos fazer isso.

— Podemos ficar em casa, ver um filme. Mandar vir uma *pizza*. Essas coisas todas.

— Queres dizer as coisas todas que temos feito desde o meu homicídio?

O Silas estremeceu. «O meu homicídio» era outra coisa que detestava que eu dissesse.

— Estou apenas a dizer que se uma festa for demasiado...
— começou.

— Não é demasiado.

— Se for demasiado cedo...

— Não exageres. É só uma festa.

Abeirou-se de mim e beijou-me levemente. Retribuí o beijo de uma forma que ele não esperava, demorada e profunda. Os seus lábios eram familiares e com um pouco de cieiro, e, por detrás, uma fila de dentes duros.

Afastei-me.

— Quero ir à festa.

— Acredito — disse ele, pestanejando com o beijo.

Recebi uma mensagem no telemóvel.

— A *babysitter* chegou.

Enquanto o Silas foi lá abaixo abrir a porta à Preeti, que deixava pedaços de batatas fritas no molho e me tirava fotografias às escondidas para enviar às amigas, vesti-me. Peguei numas meias, desemaranhei-as. *Queria* ir à festa; a verdade era essa. Tinha sido assassinada, mas agora estava viva. Queria aproveitar tudo ao máximo. Queria comer até ver o fundo do tacho. Queria sentir o formigar do ar na nuca. Queria rir, foder e desentupir o ralo da banheira. Queria sentir o roçar destas meias na pele destas pernas.

Bolas. Tinha acabado de abrir um buraco nas meias com uma unha, naquelas meias com o desenho de teia de aranha. Amarrotei-as e larguei-as em cima da bebé, que estava no ovo em cima do tapete, aos meus pés. A Nova levou as meias à boca

e depois dedicou-se a chuchar um dedo do pé. Fui ao armário e decidi-me antes por umas calças, vesti-as, apertei o cinto. E, no chão do armário, lá estava o saco de lona verde, aquele que eu costumava levar para o ginásio. Estava cheio, com o fecho corrido.

A Nova fez um som atrás de mim. Um arrulhar. Tinha o pé da meia completamente enfiado na boca. Senti um calafrio de vergonha. Meias: perigo de asfixia. E eu tinha-lhas dado. Devia estar a pensar, a observar, devia estar alerta.

— Desculpa, pequerrucha. Não podes ficar com isso.

Peguei na bebé ao colo e tirei-lhe as meias, agora molhadas com o cuspo dela. Já estava tão grande, uma raparigona adorável, já precisava dos dois braços para lhe pegar. Nove meses. Estava cá fora há tanto tempo como estivera dentro de mim. (De mim, não.) Quando lhe tirei as meias, a Nova começou a espernear. Depois, de repente, desatou a chorar, como se fossem a sua única paixão na vida.

Antes do meu homicídio, a Nova nunca costumava chorar, não muito, nada para dizer a verdade. Fazia muitos outros barulhos, frequentes e tranquilizantes: balbuciava, mamava, peidava-se e estalava a língua nas gengivas, que brilhavam a um ponto alarmante, como uma coisa que deveria ser mantida em segredo, um segredo húmido e cor-de-rosa. Claro que às vezes ficava agitada, sobretudo durante o sono, como se existisse algo nos sonhos a incomodá-la, de cenho franzido como um pano amarrotado. Mas não chorava. «Os bebés choram», dizia toda a gente. Só que a Nova não chorava. Até que eu desaparecera, reaparecendo meses mais tarde, como se estivéssemos no jogo das escondidas mais assustador de sempre. Agora chorava sempre que eu pegava nela, chorava e mais nada.

O Silas regressou. Tinha as sobrancelhas levantadas por a bebé estar a chorar. Senti outra vez aquele calafrio de vergonha, agora como que elétrico: tinha deixado a porta do armário aberta, o saco de lona verde ali mesmo no chão, se ele olhasse por cima do meu ombro... Recuei e fechei a porta com o calcanhar.

— Deixa-me pegar nela. — O Silas deu um passo para mim com os braços abertos. — Podes vestir uma camisa.

— Pensei em ir assim.

— Feliz aniversário, Travis. — Ele esticou os braços. — Deixa-me pegar nela.

O Silas é um homem maravilhoso; toda a gente concorda neste aspeto. É atinado, tem os pés bem assentes no chão, mas não o deixei pegar na bebé. Em vez disso, debrucei-me por cima dela. Os seus guinchos ficaram mais desvairados agora que estava cercada pela pessoa que mais odiava, ou seja, eu. Encostei a cara ao cocuruto da cabeça dela. A moleirinha estava finalmente fechada, graças a Deus. Quando a Nova nasceu, tive medo de enfiar um polegar no ponto mole, como o rapaz daquela cantiga infantil que mete o dedo na tarte e tira de lá uma ameixa. Tive medo de, por acidente, lhe pisar o tórax e de o partir como se fosse um copo de vinho. Agora já não tinha medo dessas coisas, não agora, que estava ciente de todas as outras maneiras de como certamente a iria desiludir.

— Está tudo bem — disse-lhe. — Está tudo bem, pequerrucha. Calma. — Virei-me para o Silas. — Ainda devo ter o cheiro do hospital. É por isso que ela está a chorar. Os bebés e os cães farejam coisas que nós não conseguimos cheirar, não é?

— Os cães e as abelhas — disse o Silas. — Medo.

— Os cães e as abelhas têm medo de quê?

— Não. É isso que conseguem farejar: o medo.

— Então, talvez os bebés consigam farejar os hospitais.

— Bom, já lá todos estiveram. — O Silas teve o cuidado de não deixar transparecer na expressão o que lhe ia na alma, mas eu sabia o que ele estava a pensar: eu estava em casa há três meses. O cheiro do hospital que pudesse ter havido há muito que teria já desaparecido.

O Silas franziu o sobrolho.

— Borracho...

— Não faz mal — atalhei antes de ele ter tempo de dizer mais alguma coisa. — Não faz mal que ela chore. A sério. — Deitei a bebé no ovo, onde se calou de imediato. — Olha. Parou.

— De certeza que não queres...

— Vamos à festa. — Enfie uma blusa e comecei a apertar os botões com movimentos decididos, para lhe dar a entender que estava a falar a sério. — Leva a bebé à Preeti. Já lá vou ter.

Assim que ouvi os passos do Silas nas escadas, voltei ao armário. O saco ainda lá estava. Onde mais poderia estar? Abri ligeiramente o fecho e vi uma camada de roupa de desporto. Por baixo estava o meu passaporte, o cartão da Segurança Social e outros artigos necessários, uma pulseira que o meu pai me deu quando eu tinha 8 anos e um envelope com o que restava do cordão umbilical seco da Nova.

Quando emalei este saco, algumas semanas depois do nascimento da Nova, disse a mim mesma que isso não significava que iria abandonar a minha família. Emalar o saco era apenas um exercício para gerir o inominável, todos os sentimentos que não sentia, a vacilante coluna de pavor que ocupava o espaço onde o sentimento da maternidade — a alegria firme e acalentadora que me tinham assegurado que sentiria — deveria estar. Emalar aquele saco tranquilizara-me, dobrar as roupas em quadrados muito direitos, esconder os tesouros por baixo e correr o fecho sobre tudo isso. Desde então, fora assassinada e clonada, desmanchada e reconstituída. E agora conseguia ver o saco como aquilo que era: um quase acidente, uma cagada em três atos, um erro terrível. A minha Nova. O meu Silas. Como pôde sequer passar-me pela cabeça deixá-los? Empurrei o saco para o fundo do armário e fechei a porta. Trataria dele amanhã. O Silas nunca teria de saber.

Ele estava à minha espera lá em baixo. Regressei à casa de banho para aplicar rímel e batom. Pó no rosto. Parei com o pincel encostado ao queixo e fitei-me, aproximei-me mais e mais, até encostar a ponta do nariz ao vidro.

— Estou aqui — disse para com os meus botões. — Estou aqui e vou a uma festa.

Desconhecidos

O ano que antecedeu o meu homicídio foi o ano de ser reconhecida por desconhecidos. O fenómeno começou no início da gravidez, era a Nova apenas uma secreta circunflexão no meu ventre. Na rua, as pessoas começaram a fitar-me, chegando mesmo a virar a cabeça quando eu passava por elas. Os revisores dos transportes públicos sorriam para mim e diziam: «Olá outra vez!» Os empregados dos restaurantes davam palmadinhas no queixo e perguntavam: «De onde é que a conheço?» Para mim, era um mistério. Ter-se-ia mudado um grupo de familiares afastados para a região? Seria parecida com alguma atriz que tivesse ficado recentemente famosa?

Então, certa tarde, a meio do segundo trimestre, o meu patrão, o Javier, tinha aparecido em minha casa, a tremer de energia. Até o bigode vibrava.

— Javi, mas que diabos? — perguntei-lhe, saindo para o alpendre.

Agarrou-me pelos ombros. Nunca o tinha visto assim. O Javi estava sempre relaxado, sempre à vontade e bem-disposto. O seu estilo de gestão consistia em disparar elogios pela porta do gabinete.

Ali, no alpendre, o Javi nem parecia o mesmo, de olhos esbugalhados e dentes cerrados. Disse-me que estivera na baixa e que, pelo canto do olho, vira num ecrã uma reportagem sobre uma vítima de homicídio. Julgara que era eu. Mesmo depois de ter olhado com

mais atenção e percebido que a cara da mulher era somente parecida com a minha, e não a minha, ainda não tinha conseguido afastar a sensação de que ela era eu. Disse que precisara de me ver com os próprios olhos. Depois, colocou as mãos sobre as minhas orelhas e suspirou de alívio, como se tivesse tido medo de que as suas mãos me atravessassem o crânio e batessem palmas.

Portanto, aqui estava a explicação do mistério. Era essa a pessoa por quem os desconhecidos me tomavam, uma das mulheres amarfanhadas aqui e ali pela cidade, uma das mulheres que tinham assombrado os noticiários, uma das mulheres com os sapatos alinhados ao lado do corpo, como que à espera de que os voltasse a calçar.

Depois de o Javi ir embora, fiquei diante do espelho do vestíbulo, procurei a fotografia dela no telemóvel e comparei as nossas fisionomias, ovais pálidas por detrás de vidro. Éramos as duas mulheres brancas com cabelos escuros e compridos, na casa dos trinta. Ela era mais bonita do que eu, pensei, esta mulher que fora assassinada, uma tal de Fern, tão luminosa quanto eu era desenhada, tão delicada quanto eu era grosseira, tão simétrica quanto eu era torta. Aos poucos, porém, virando a cabeça num determinado ângulo e estreitando os olhos de uma certa forma, consegui perceber o que os desconhecidos viam. Éramos parecidas.

Despejei uma embalagem de tinta na cabeça, um tom ruivo a roçar o roxo. A cor deixou uma mancha cor-de-rosa ao longo das raízes dos meus cabelos, como uma queimadura. Porém, não fez a mínima diferença. Os desconhecidos continuavam a parar-me na rua. Continuavam a semicerrar os olhos e a dar palmadinhas nos queixos. Continuavam a achar que me conheciam de algum lado. Habituei-me a ficar quieta, pacientemente à espera enquanto eles percorriam várias colegas de escola e apresentadoras locais da meteorologia. Aprendi a sorrir e a dizer: «Tenho uma daquelas caras que parecem familiares.»

2

E depois estava na festa, sob as luzes fracas de uma sala de estar desconhecida, e o *spray* de limpar o pó e a fragrância das velas a enevoarem a atmosfera. Desejara música alta, com ritmo, desconhecidos e dança. Em vez disso, viera parar a um género de ocasião voltada para vinho, delicadezas e conversa de circunstância. Os convivas rodopiavam à minha volta. Tocavam-me no braço ou não. Abeiravam-se de mim aos pares ou aos trios, como se eu fosse a poncheira, como se eu fosse a travessa dos queijos, como se eu fosse o monte de pequenos guardanapos dispostos em leque. Há meses que não estava perto de tanta gente. As atenções que me votavam enervavam-me, o cruzar de olhares acidental, os murmúrios que poderiam ser o meu nome. Aliás, pareceu-me ouvir alguém a trautear aquela rima, aquela que as crianças cantarolam enquanto batem palmas:

*Edward Early, numa escuridão sem fim
Edward Early, deixou Angela no jardim
Largou Fern no carrinho
Deitou Jasmine no caminho
Edward Early, que homem tão cruel
Rodou Lacey no carrossel
Edward Early e os seus assassinatos
À Louise tirou-lhe os sapatos*

Olhei em redor à procura do Silas, que, depois de tanta preocupação e confusão, tinha decidido deixar-me sozinha. Não fazia ideia de para onde fora. Bem, não é verdade. Tinha a certeza quase absoluta de que se esgueirara até ao pátio das traseiras com o Travis para fumar. Pisguei-me para a cozinha e encontrei uma coisa roxa para servir no meu copo.

Quando me virei, os convivas tinham-me encontrado outra vez. Eram quatro. A namorada do Travis (que eu apelidei secretamente de Já Tocada), um casal, agarrados um ao outro como se pudessem cair para o lado caso não o fizessem, e uma mulher solitária que fungava bruscamente, não sei se por causa de uma constipação ou por desagrado.

Havia quem se opusesse à comissão de replicação, por motivos religiosos ou pelos escândalos do ano anterior. Depois, havia quem se opusesse a mim especificamente, sendo da opinião de que eu não merecia ser trazida de volta, porque, bem vistas as coisas, quem era eu? Uma pessoa insignificante, uma desconhecida. Deveria ter sido a sua cantora preferida, a avó de que mais gostavam.

— Lou! — gritou a Já Tocada, fazendo jus ao nome, vermelhusca no nariz e nas maçãs do rosto. — Estamos muito felizes por estares aqui!

Não percebi se com «aqui» ela queria dizer na festa ou, bem, viva. Além disso, não me lembrava do seu nome. Assim, levantei o copo e disse:

— Parabéns ao Travis!

— Não — disse um elemento do casal de abraçados —, parabéns a *ti*!

— Não é o meu aniversário — expliquei.

— De certa forma até é, não é? — retorquiu o outro elemento do casal.

— Talvez se possa dizer que é um renascimento — disse o primeiro. Tirou-me a garrafa de vinho da mão e levantou-a. — Feliz renascimento! — Bebeu um trago.

— Vamos brindar à Lou — interveio a Já Tocada com um olhar de advertência para os amigos. Esticou o braço e tocou-me na manga. — Não é, malta? Um brinde à Lou?

— À Lou! — gritaram de forma dissonante.

Levantei o copo em resposta. Toda a gente bateu palmas.

— Então, conta lá — disse o homem à medida que a ovação ia diminuindo de intensidade.

— Conto o quê? — indaguei.

— Como foi?

— Como foi o quê?

— Nascer, é claro!

A Já Tocada disse o nome do homem, mas não o conseguiu travar; além disso, não afastou a mão do meu braço.

— Vá lá — disse ele. — Não me lembro do *meu* nascimento. Tu lembras-te do teu?

— É claro que não — respondeu a Já Tocada. — Era bebé.

— Pois, mas *ela* não! — O homem apontou para mim. — Ela era... como é agora.

Olhei por cima deles à procura do Silas, mas não havia sinal dele. Os convivas estavam a mirar-me com a atenção obsessiva que os bêbados conseguem ter, uma firmeza hesitante. Passou-me pela cabeça desatar a correr. Podia gritar uma desculpa qualquer ao escapulir-me. *Casa de banho!* ou *Campainha!* ou *Fred!* Quem era o Fred?

Mas depois pensei melhor. Pensei: *Querem saber como foi? Querem que lhes diga? Então, diz-lhes.* E disse.

— A primeira coisa de que me lembro é de um barulho que pensei que fosse água a correr.

Os convivas entreolharam-se, depois olharam outra vez para mim.

— Água — repetiu um, baixinho.

— Que águas eram essas, não sabia. O meu próprio sangue? O lava-louça da cozinha? Ondas no oceano do ser e não ser? No final de contas, não era água. No final de contas, não era água, mas sim

o barulho da minha pele a esfregar a minha pele, as palmas das mãos a esfregar na parte de cima das coxas. E *foi assim* que descobri que tinha palmas das mãos! E coxas!

Ao ouvir isto, riram-se. Pelos vistos, era cómico ter um corpo. Ou se calhar era cómico eu ter este corpo, cujo braço a namorada do Travis ainda estava a tocar, talvez exultante, talvez desiludida, talvez ambas as coisas, por parecer um braço banal.

— Quando abri os olhos — prossegui —, tive a certeza de que estava debaixo de água outra vez. Ou as coisas estavam desfocadas ou esborratadas, ou então esborratadas ou desfocadas. E pensei: *Apareceu alguém e esmagou o mundo numa papa*. Mas depois pestanejei e percebi que eram as minhas lágrimas. Eram as minhas lágrimas que estavam a transformar o mundo numa grande papa. E assim que percebi o que eram, escorreram-me pela cara.

— Estavas a chorar? — alguém perguntou.

— Apenas tecnicamente. Os médicos tinham-me irrigado os olhos com líquidos para manter as membranas humedecidas. Quando pestanejei, tudo ficou focado.

— O que viste?

— O meu marido e a minha filha. O Silas, sim, estava a chorar; mas o Silas também chora por tudo e por nada, chora quando vê anúncios de cartões de crédito ou quando vê móveis abandonados na berma da estrada, chora *só de pensar* na avó a fazer sopa.

Eles soltaram alguns risinhos ao ouvir isto, o seu colega de trabalho, o estoico Silas, a chorar só de pensar na avó a fazer sopa.

— Reconheceste-os? — alguém perguntou.

— Claro que os reconheci. Ainda tinha as minhas memórias. De contrário, o que seria eu? Não eu. Apenas um corpo. Apenas uma grande papa.

Os convivas riram outra vez, agora desconfortáveis. A Já Tocada olhou de relance para a mão, ainda pousada no meu braço, mas acabou por não a afastar. Talvez mais tarde nessa noite esfregasse os dedos e sentisse que trouxera um sedimento meu,

alguma escama, quando na realidade apenas estaria a sentir-se a si mesma.

— E de que mais te lembras?

— Lembro-me dos cheiros. Os cheiros do hospital: desinfetante, os invólucros de plástico em que os meus lençóis vieram e uma coisa que alguém disse ser o almoço. E o *aftershave* que o Silas usa. Limão e pétalas.

— Cheiraste a tua família.

— Sim, a minha família.

Os convivas brindaram-me com sorrisos mais largos ao ouvir isto, sorvendo o seu vinho ao mesmo tempo. Por fim, a Já Tocada afastou a mão do meu braço para se abraçar a si mesma. Esta história reconfortava-os. Do olvido vimos e para o olvido vamos, blá-blá-blá. Queriam acreditar naquilo em que toda a gente acredita, que depois de todas as lágrimas e do caixão baixado, quando abrissem os olhos para ver o que vinha a seguir, a sua família seria a primeira coisa que lhes apareceria.

Não lhes contei o resto da história. Não seria um tema de conversa agradável para uma festa. Não lhes falei do puxão de um cateter a ser-me arrancado do meio das pernas; da verruga no queixo da médica, um borrão a ver-se por detrás da maquilhagem como um eclipse solar; a voz do Silas a dizer «Ela consegue...?» e a distante noção de que «ela» era eu. *Ela consegue o quê?*

Não lhes falei da dor, não transparente e acutilante, como seria de esperar da dor, mas mais como uma comichão, informe e sobre a qual não podiam ser aplicadas ligaduras, como uma língua com queimaduras de terceiro grau, como o buraco na boca onde a língua costumava estar presa.

Não lhes falei da indignidade de despertar e dar de caras com uma equipa de médicos a espreitar e a debater, com grande pormenor e frieza, a forma exata da minha vulva.

E não lhes falei dos tempos em que não gostava de pensar, quando a Gert tinha aparecido no meu quarto de hospital acompanhada de um fulano qualquer da comissão de replicação que

não parava de ajeitar as mangas do fato como se não quisesse que lhe vissem os pulsos. Tinham-se sentado em duas cadeiras ao lado da minha cama, e a Gert tinha-me dito que eu simultaneamente era e não era a mulher que pensava ser. Essa mulher morrera, tinha-me explicado ela. Fora morta, atrevera-se finalmente a dizer o fulano da comissão de replicação. Fora assassinada, disse ninguém. E eu? Eu fora criada a partir de uma amostra das células dela. Na verdade, eu era uma cópia dessa mulher, a primeira e original Louise. Mas eu nunca deveria encarar-me dessa forma, como uma cópia, apressaram-se a corrigir. Quando o disseram, os seus olhos passaram pelo meu semblante, como o braço luminoso das fotocopiadoras.

Foi assim o meu nascimento. Os convivas também me fizeram perguntas sobre a minha morte. Para dizer a verdade, apenas um deles, a mulher que estava sempre a fungar, a qual se deixou ficar depois de os outros dispersarem. Enquanto falei sobre o meu nascimento, ela limitou-se a recusar aperitivos e a olhar para o seu reflexo na janela por detrás da minha cabeça.

— A minha morte? — repeti. — Oh, não. Não me lembro disso.

Toquei com os dedos na têmpora, o mesmo gesto que a Gert fizera quando me informara. No hospital, a Gert tinha batom nos dentes. Bem, no dente, apenas num. Eu sentira um certo alívio por isso, por ela não ser sofisticada.

— As memórias de curto prazo não sobrevivem ao processo — expliquei à mulher, tal como me explicara a Gert. — Além disso, sabes como é, há o trauma.

— Oh, eu *sei*. — A mulher levou uma mão ao peito. — Quero dizer, não sei por experiência *própria*, mas já li sobre o trauma. Deve ser horrível.

— De facto, sim, é.

— Então, estás a dizer que não te lembras de nada? Nadinha de nada?

— Nadinha.

— Que pena.

Senti-me afogueada, do vinho ou talvez não.

— Que pena não me lembrar do meu homicídio? — exclamei, mas pareceu-me que ela não percebeu a mudança no meu tom.

— Quer dizer, não tens curiosidade? Eu teria.

— Curiosidade? Não. Contaram-me o que aconteceu.

— Contaram? — Ela inclinou-se para a frente, sôfrega, o vinho no copo a rodopiar até ao bordo dourado, ela a espumar-se para ouvir.

Não sei. Esforço-me por ser boa pessoa e simpática, simpática e boa pessoa. Mas às vezes perco as estribeiras.

— Ele disse aos inspetores que andara a vigiar o caminho por onde eu costumava correr — expliquei. — Disse que me seguiu durante dias, que tirou apontamentos sobre mim num pequeno bloco de notas destinado especificamente a esse fim.

— Que assustador! — disse a mulher.

— Ele disse que se escondeu à espreita no meio das árvores, que memorizou o barulho das minhas sapatilhas, que depois de eu passar a correr saltou para o caminho, atrás de mim, agarrou-me pelo rabo de cavalo e torceu-o.

— Que horror! — exclamou ela.

— Disse-lhes que foi perfeito, perfeito para ele, obviamente, pois o movimento puxou-me a cabeça para trás e deixou o pescoço exposto, pronto para ser cortado.

— Que coisa horrível! — disse ela.

— Disse-lhes que foi rápido.

— E indolor — sussurrou ela.

— Indolor? — Fitei-a. — Porque seria indolor?

— Não, eu...

— Uma garganta cortada seria *doloroso*. Ele teve de me cortar a pele, os tecidos, a traqueia. E depois respirei o meu próprio sangue. Consegues imaginar a sensação, tentares respirar o teu próprio sangue?

Ela levou uma mão ao pescoço.

— Bem, o resto já sabes — prossegui. — Leste as notícias, viste as reportagens, por isso sabes que ele me deixou lá caída, julgando que eu estava morta. Só que não estava. Ainda não. Sabe-se lá como, corri, ou se calhar rastejei, pelo meio das árvores. Encontraram-me três dias depois, numa valeta. Estava a tentar chegar à estrada, pensam, para pedir ajuda a algum carro. Mas não cheguei lá. Em vez disso, morri. Mas... não me recordo de nada disso — concluí. — Como disseste: que pena.

A mulher estava lívida. Eu esvaíra-lhe o sangue. No início, soube-me bem fazê-la sofrer, mas depois foi horrível, até que não senti coisa alguma. Passei pela mulher e saí da cozinha. Pareceu-me que estava a observar-me a mim mesma por trás, a observar a minha nuca escura, ao passar pelo meio dos convivas para atravessar o corredor e entrar no quarto do Travis, o quarto que, sabia, estaria deserto.

Fiz o monte de casacos dos convidados em cima da cama. Sem mãos a saírem pelas mangas, sem cabeças pelos colarinhos, sem peitos a subir e a descer ao ritmo da respiração. Corpos incorpóreos. Deitei-me na cama e enterrei-me debaixo dos casacos. Puxei as bainhas de lã, algodão e *nylon* sobre o peito, sobre a cara, até ficar coberta por uma chusma de tecido vácuo, braços e costas e ombros que não tinham pessoas lá dentro.

Fiquei assim durante um minuto. Minutos. Passado algum tempo, consegui ouvir os convivas, estridentes, a cantar os parabéns na outra sala. Alguém deve ter levado o bolo. Consegui até sentir o cheiro a cera derretida quando sopraram as velas. Afinal, aquele homem que me questionara acerca do meu nascimento tinha razão. Eu tinha nascido duas vezes. Mas não os acompanhei na cantoria. Não, não estava para cantorias.

A porta abriu-se e alguém entrou.

— Lou? — disse o Silas. Uma pausa. Esperei que me visse os pés. — O que estás a fazer?

— Nada de especial. A ser um casaco.

O colchão afundou-se. Depois, um a um, as mangas e ombros foram levantados da minha cara e o Silas apareceu por cima de mim. Fitou-me, de testa franzida, os lábios apertados. Não disse nada sobre os casacos, não disse que deveríamos ter ficado em casa, não disse *Eu bem te disse*. Como já referi, é um bom homem, toda a gente concorda com isso. Eu concordo.

Baixou-se e tocou-me na cara.

— Estás bem?

— Eu? Bestial. Tenho forro de seda e botões de latão. Sou um casaco de trespasse. Tenho um pacote de pastilhas elásticas no bolso. Estou preparada para o inverno.

Ele fez uma careta.

— Foi cedo demais para uma festa?

— Talvez um pouco — admiti.

— Desculpa ter-te abandonado. Pensei que estavas bem.

— E estava — disse-lhe. — E depois deixei de estar.

— E depois eras um casaco.

— Com botões de latão.

— O que farias se alguém entrasse aqui para vir buscar o casaco?

— Não sei. Teria ido para casa com eles?

O Silas abanou a cabeça, mas estava quase a sorrir.

— Talvez — disse eu, devagar — vá para casa contigo.

Pronto. Agora estava a sorrir.

— Talvez? — disse.

— Talvez, não. Vou mesmo.

Estendeu-me a mão, os casacos caíram atrás de mim, e puxou-me até eu ficar de pé.

— Vamos para casa — disse.

EDWARD EARLY, NUMA ESCURIDÃO SEM FIM
EDWARD EARLY, DEIXOU ANGELA NO JARDIM
LARGOU FERN NO CARRINHO
DEITOU JASMINE NO CAMINHO
EDWARD EARLY, QUE HOMEM TÃO CRUEL
RODOU LACEY NO CARROSSEL
EDWARD EARLY E OS SEUS ASSASSINATOS
À LOUISE, TIROU-LHE OS SAPATOS

Lou tem um casamento feliz e é mãe de uma criança adorável. É também a quinta vítima de um assassino em série que tem assolado a cidade. Trazida de volta à vida e devolvida aos braços da família graças a um projeto governamental, Lou sente-se agradecida por essa oportunidade. Mas à medida que se tenta readaptar à rotina, contando para isso com o grupo de apoio criado para as vítimas de Edward Early, o assassino, apercebe-se de que existem ainda perguntas por responder relativamente aos dias que antecederam a sua morte — e também acerca de pessoas que deveriam ser de total confiança.

Assim, de um momento para o outro, deixa de ser suficiente cuidar da filha, amar o marido e manter o emprego de que sempre gostou; agora, é-lhe urgente desvendar as circunstâncias da sua morte.

Sombrio e divertido, com um ritmo compassado e carregado de surpresas, *O Meu Homicídio* é um romance feito para ser lido de uma assentada e uma lufada de ar fresco no thriller clássico.

**«Um daqueles livros raros, emocionalmente inteligente
e de leitura divertida... É garantido que manterá
os leitores acordados até altas horas da noite.»**

The New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897876318



9 789897 876318 >